

Liberdade é Trabalho e Cansaço: contribuições para o debate sobre interseccionalidade¹

Raquel Souza² 

Universidade Federal da Bahia

Olivia Ferraz Pereira Marinho³ 

Instituto Federal da Bahia

Carliene Sousa de Jesus⁴ 

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Amália Nascimento do Sacramento Santos⁵ 

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Dossiê | Dossier | Dossier

DOI do artigo: 10.22481/odeere.v6i01.8620

RESUMO

O presente artigo busca articular reflexões a partir da teoria da interseccionalidade. Nesse campo, a questão da liberdade é um ponto importante e é antípoda do racismo. A forma pela qual as mulheres negras afirmam a liberdade, individual ou coletivamente, produz resultados políticos e sociais. Neste artigo buscamos analisar a percepção da liberdade no cotidiano. Foram entrevistadas mulheres negras de diferentes níveis de escolaridade, em idade reprodutiva, residentes do sudoeste baiano. A liberdade se apresenta como uma possibilidade que advém de conquistas econômicas e sociais. É, nesse sentido, resultante de lutas coletivas e sociais. O racismo é, então, uma barreira importante a ser considerada a partir da teoria da interseccionalidade. A estruturação de sentidos e significados construídos nas narrativas do cotidiano pode auxiliar na compreensão das condições sociais e de vida das mulheres negras e orientar hipóteses de pesquisa e de ação política.

Palavras-chave: interseccionalidade; racismo; liberdade; mulheres negras; condições de vida

Freedom is Work and Weariness: contributions to the debate from the theory of intersectionality

ABSTRACT

This article seeks to articulate reflections from the theory of intersectionality. In this field, the issue of freedom is an important point and is antipode of racism. The way in which black women assert freedom, individually or collectively, produces political and social results. In this article, we seek to analyze the perception of freedom in everyday life. Black women of different levels of schooling, of reproductive age, living in Southwestern Bahia, were interviewed. Freedom presents itself as a possibility that comes from economic and social achievements. It is, in this sense, the result of collective and social struggles. Racism is then an important barrier to be considered from the theory of intersectionality. The structuring of senses and meanings constructed in everyday narratives can help in understanding the social and life conditions of black women and guide hypotheses of research and political action.

Keywords: intersectionality; racism; freedom; black women; life conditions.

Submetido em: 04 de mai. de 2021 | Aceito em: 15 de jun. de 2021

¹ O presente artigo é resultante de pesquisa financiada pelo Edital de Gênero do CNPq.

² Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (1993), graduação em Licenciatura em Ciências Sociais pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1997), especialização, mestrado em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (2000) e doutorado em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (2004). Professora-Orientadora no Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade do ODEERE/UESB - Jequié-BA. Professora Orientadora no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do IMS/CAT-UFBA CAMPUS VITORIA DA CONQUISTA-BAHIA. Professora Orientadora no Mestrado Profissionalizante em Saúde da População Negra (UFRB). E-mail: raquelsouzas87@gmail.com

³ Enfermeira, mestre em Saúde Coletiva (IMS/CAT - UFBA). E-mail: oliviafpm@gmail.com

⁴ Enfermeira, Mestranda em Saúde da População Negra e Indígena pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). E-mail: carlienesousa@ufrb.edu.br

⁵ Doutora em Enfermagem. E-mail: amaliasacramento@hotmail.com

O antropólogo com L.E.R

O líder do quilombo estava angustiado. Lhe chegou a notícia de que o senhor Vermont, o antropólogo, o visitaria mais uma vez em sua comunidade.

O homem já tinha visitado a aldeia décadas atrás. Indo e vindo ao povoado. Mas ao retornar a seu país natal, seus colegas faziam milhões de perguntas para as quais ele não tinha respostas. Eram dúvidas para assuntos que não lhe ocorrera e, de novo, tinha que voltar e checar suas fontes.

Ao chegar no povoado procuraria seu Quirino, líder da comunidade. E daí iria visitar os mesmos lugares, de novo. E o povo contaria as mesmas histórias. A cada pequeno contorno da história, o homem balançava a cabeça e começava inquirir o contador de histórias como num tribunal. Na certa não tinha entendido o que significava a reunião do conselho de anciãos, que resolvia todos os problemas da comunidade!

Injuriado com a situação Seu Quirino tentou encarregar seus filhos do trabalho de receber o senhor Vermont. Mas todos se recusaram, peremptoriamente.

Tinham passado a infância ouvindo o pai contar as mesmas histórias para o senhor Vermont.

Sua mulher, sua tia, sua cunhada logo usaram o fato do senhor Vermont ser um homem de costumes ocidentais. Nunca entenderia o que se passa na aldeia. Bufavam sem parar!

Desesperado veio a mim pedir um conselho em sigilo.

É que o homem já estava lhe desacreditando junto ao povo da comunidade. Logo as anciãos se reuniram para resolver o assunto, e lhe puxarão as orelhas, como a um moleque!

Seu Quirino havia feito uma promessa, tinha dado a sua palavra em bons termos ao senhor Vermont. Mas agora, estava angustiado. Tudo isso lhe deixava ranzinza.

Já tinha colocado sua influência em benefício do senhor Vermont, julgando ser essa a forma mais educada de receber a um estranho.

Perguntou-me o que eu faria caso fosse comigo o acontecido !? Foi aí que matutei e falei: “Seu Quirino se não acreditam nele, por certo será melhor ouvir da sua própria boca”.

Os olhos do seu Quirino brilharam!

Havia encontrado uma saída.

E antes mesmo que o senhor Vermont desembarcasse, foi ter uma conversa com ele: “Senhor Vermont vamos voltar a sua casa e a seus amigos para que eu lhes conte nossas histórias e tradições”.

Os olhos do senhor Vermont duplicaram em curvas e linhas de expressão. Foi então que ele disse: “Precisaremos traduzir o que falará. Então terminaremos com o mesmo problema”.

Seu Quirino matutou e falou:

“Então é a nossa língua que não entendem!? Pois então diga a eles que estamos acostumados com estranhos em nossa casa. Aprendemos e falamos sua língua”.

Foi então que Seu Quirino começou uma vida de viagens, que ele não desejou, mas passou a ser o seu destino.

lá com seu cajado, que o acompanhava no cuidado com os animais no pasto, sua túnica de algodão e um honrado turbante, que lhe enfeitava a cabeça, apesar das muitas preocupações.

Ao chegar lá na comunidade do senhor Vermont iniciou as conversações:

“Quando meu povo chegou ao mundo, veio guiado por um relâmpago, que lhes trouxe até a aldeia. Viveram nômades durante muito tempo, mas chegou o tempo de assentar acampamento ali, naquele pedaço do mundo.

De viver e de observar a natureza, aprenderam a forja e o fogo, a lenha e a agricultura. De pintar e desenhar, aprenderam a arquitetura.

E onde só havia areia, as mulheres decifraram a natureza das tempestades e criaram a ciência".

Autora: Raquel Souza

Vitoria da Conquista, 30 de abril de 2021

Introdução

A sociedade brasileira vive uma grave situação política em que as possibilidades de solidariedade são minadas pelo enrijecimento do individualismo, que corroí redes alternativas de cooperação. O Brasil e o povo brasileiro começaram a tatear o outro lado da lua. Imaginavam existir lá objetos e entidades, reflexos da sua própria imagem. Mas qual seria essa imagem!? Do reboiço dos movimentos sociais emergiu um povo negro, que escuta, sente, age e grita! Não aceita calar os infortúnios causados pelo racismo.

O movimento de mulheres negras construiu uma pedagogia de luta antirracista. E estão à frente de inúmeras organizações de linhagens políticas diversas. A aparente dispersão dos grupos negros pode se converter em força capaz de produzir respostas, necessárias à superação da grave crise política.

O agravamento das desigualdades raciais com a pandemia do covid19^{6,7} e a crise na democracia brasileira evidenciaram a lógica da necrobiopolítica⁸ instalada pelo necroliberalismo. Há um recrudescimento de conflitos em torno de prioridades na agenda de interesses sociais e políticos do Estado Brasileiro. A experiência de luta antirracista no Brasil tem sido escrita por pessoas negras desde sempre, a partir de histórias de superação e de transformação das condições de existência. Entretanto até aqui não foi possível uma transformação capaz de impactar efetivamente nos padrões de desigualdades raciais no Brasil. E é aí que acreditamos estar a possibilidade de reverter drasticamente a situação política de um país que nunca olhou para a população negra com justiça, com sensibilidade.

O racismo é evidenciado pela impossibilidade de acesso a determinados

⁶ GOES et al, 2020

⁷ ARAUJO et al, 2021

⁸ Achille Mbembe, 2014

espaços sem experimentar formas agudas de sofrimento. Ou a obrigatoriedade de embranquecer-se como um passaporte de acesso aos grupos de poder.

É sem pudor que hoje vemos algumas instancias públicas testemunharem a banalização da vida e o número crescente de mortes no país por causa do covid19. Mas o que vale tanto a ponto de deixar morrer milhares de pessoas e isso ser considerado parte do jogo!? A morte pode se tornar uma forma de (re)existência, se os vivos reconhecerem nela a injustiça. Mas o apocalíptico momento chegou e os mortos não se levantaram das tumbas. Há estados de ânimo e formas de ser pelos quais não se deve pedir desculpas. Cabe aos outros aceitar ou recusar. Mas jamais disputar o lugar de arbitragem de nossas vidas.

Por outro lado, é interessante perguntar por que há tanta imposição política e valorização de pautas de costumes nesse momento? Convocar a ira dos outros, cutucar para provocar o ódio latente, desqualificar para obter vantagem tem sido a política institucionalizada no país, ainda que custe muitas vidas. Há sem dúvida uma ausência de práticas políticas eficazes, capazes de transformar as condições de vida e saúde e de enfrentar os principais problemas do país. O racismo é um desses problemas, que se manifesta por meio do constrangimento das pessoas na expressão de dimensões vitais da existência. O que falta acontecer para romper-se o fluxo de indignação das pessoas!?

Os escândalos têm um lugar seguro no cenário político brasileiro. Já podemos imaginar os inúmeros e inenarráveis escândalos, cuidadosamente armazenados, valendo milhões de *bitcoins*, criptografados na *deepweb*. Uma mina de nióbio! Os grupos políticos que usam a pauta de costumes para justificar sua existência nos espaços de poder, colocam em risco os grupos em situação de vulnerabilidade e minoritários nos espaços de poder político.

As barreiras raciais invisíveis, elaboradas por dispositivos sociais de controle, impulsionam a hipersensibilidade moral da população brasileira. E é aí que a cultura da violência instiga a produção padrões de comportamento filtrados por pautas de costumes.

Racismo

O racismo é uma escolha pré-consciente de saber-se branco e a partir daí estabelecer vantagens pessoais, nem sempre condizentes com a realidade dos

fatos. Daí ao afirmar-se ou negar-se a pessoa negra dar vazão ao ressentimento e ao ódio, por questionar uma suposta vantagem do branco.

Há uma forte explicitação da violência, ao tomar decisões e fazer escolhas sustentada numa suposta superioridade e de vantagem do branco. Em parte, essa ideia pode ser reiterada pela pessoa negra, ao negar -se. Em outra parte, por convicções de superioridade e suposições sobre o que é a pessoa negra. Concepções cristalizadas sobre a história dos povos e civilizações africanas e da colonização europeia formam a estrutura narrativa do racismo à brasileira.

Sem um eco, ou sustentação em uma coletividade ou comunidade, tais ideias não se perpetuariam. São ideias perenes, estabelecidas como verdade, subsidiadas por mecanismos sociais de produção de consenso, que mantêm o racismo e recria “ilusões” de verdade, sob efeito de narrativas de tradução do mundo.

A própria diferença, que se constituiu historicamente, é também um problema, que nem sempre nos é revelado, de pronto, por isso muitos dizem que é preciso ampliar a capacidade e tolerância com relação aos diferentes e as diferenças para reconstituir a realidade social em outro patamar de Justiça.

O racismo é parte da história do povo brasileiro, e adquiriu sobrevida nas estruturas e nas instituições. Há formas de violências cuja dor só cessa com a morte, e o racismo é uma delas. É preciso reconhecer os efeitos do racismo para combatê-lo. A necessária relação de alteridade implica recusa da violência.⁹

O pensamento antirracista e a filosofia negra de descolonização se faz com ações cotidianas, como ouvir, observar, olhar e escrever. Tudo isso se relaciona às formas de educação dos sentidos, talhados nas artes do cotidiano, nos gestos e em atitudes consideradas banais, mas se guiadas por uma força capaz de retribuir ao outro a dignidade, são importantes.

A teoria da interseccionalidade tende a fortalecer o debate sobre o sistema sofisticado de opressão, que enclausura o corpo negro num cruel sistema de desvantagem. Ainda que haja reconhecimento do fenômeno do racismo e dos efeitos do colonialismo, num contexto de retirada de direitos sociais, necroliberal, não é suficiente.

⁹ Emmanuel Lèvinas, 2010

O racismo brasileiro produz novos modos de subjetivação e de alienação do negro. As estruturas sociais e os sistemas de poder, baseados no gênero e na raça, apontam para entrecruzamentos de formas de opressão¹⁰. Para feministas negras brasileiras:¹¹ a ausência de liberdade e igualdade são calcadas em padrões de desigualdades (históricas e sociorraciais), que devem ser continuamente avaliadas na construção de estratégias de superação das injustiças raciais. Feministas afro americanas também trilharam por este percurso¹².

De um lado, escravização negra, o pensamento colonial e o racismo repercutem em situações crônicas de desigualdade, que só se explicam a partir do escrutínio das variadas formas de opressão da mulher negra. De outro lado, a mulher negra vive sob formas de opressão, que subjazem também no patriarcalismo colonial. As relações entre trabalho e família inscrevem a mulher negra em posições sociais estruturadas racialmente. A corporificação das desigualdades é parte dos efeitos desse processo, social e historicamente dado.

A teoria da interseccionalidade se apresenta como resposta à essencialização, ao captar as opressões interseccionais, difíceis de se estabelecer numa experiência única do ser mulher. Desse modo, a interseccionalidade auxilia na explicitação de padrões de desigualdade, tanto no plano da estrutura/sistema de opressões quanto no plano das representações simbólicas, memórias e das identidades¹³. Desse modo, a proposta aqui apresentada tem por objetivo investigar as percepções de liberdade por meio dos sentidos atribuídos por mulheres negras às possibilidades de autodeterminação.

A relação entre corpo e poder expressa um candente desejo político à medida que a interação entre racialidade e generidade definem contornos próprios de um modo de existência, corporificada em padrões hierarquizados e de desigualdade. A sexualidade, e as possibilidades de exercício da liberdade neste campo, é dificultada por uma brutal presença do racismo, quando o corpo é objeto de dispositivos de controle¹⁴.

O desejo e o prazer também são atravessados por experiências de

¹⁰10 Patrícia Hills Collins, 2019

¹¹11 Luiza Bairros

¹²12 Ângela Davis, 2018.

¹³13 Patricia Hills Collins (2019)

¹⁴14 Bueno, 2020.

discriminação. A violência racial e de gênero são barreiras difíceis de ultrapassar. A noção de liberdade produz o ânimo necessário aos embates e lutas contra o racismo. Sem esta possibilidade - de liberdade - a politização do corpo, da luta antirracista não adquirem contornos para pensar o Estado, o poder e o fenômeno do racismo.

Arcabouço teórico-metodológico

O conceito de interseccionalidade foi aqui utilizado em um sentido heurístico para pensar estruturas de significação e de sentido de liberdade. Permitiu o reconhecimento de situações-problema que precisam ser avaliados na construção de estratégias de enfrentamento das desigualdades. A ausência de controle sobre seus corpos e a dificuldade em obter independência pessoal, dificultam o acesso das mulheres à esfera pública, impede o exercício de sua liberdade e condiciona-a ao não reconhecimento de seus direitos.

A interseccionalidade é uma ferramenta teórica e conceitual que permite a compreensão do entrecruzamento de diferentes formas de opressão.

O conceito de interseccionalidade abarca a complexa interação entre sistemas de poder e de opressão. O termo Interseccionalidade foi cunhado por Kimberlé Crenshaw na década de 1980 e hoje sofre um apagamento das suas origens histórica, social e política. É sem dúvida uma ferramenta de organização política e social importante¹⁵. Entretanto é somente a partir do reconhecimento social e político da população negra, associado a autodeterminação e a liberdade, que é possível o exercício de direitos.

Foi importante avaliar o uso de uma teoria da linguagem como meio de acesso a realidade social. A teoria fenomenológica de Searle pressupõe a intencionalidade dos atos e do discurso, uma racionalidade intrínseca, capaz de apreender a realidade social diretamente, sem intermediários. Ainda que haja a representação, é possível o acesso direto ao conhecimento.

Técnicas de coleta de dados

Para alcançar nosso objetivo, optamos pela metodologia qualitativa por

¹⁵ RIOS & SOTERO, 2019

consideramos um meio mais adequado.¹⁶ A coleta de dados utilizou um questionário semiestruturado e um roteiro temático. A técnica de análise de conteúdo permitiu a organização dos dados e a formação das categorias de análise¹⁷. Os critérios empregados de autotaxação de raça-cor do IBGE; estar vivendo uma relação conjugal no mínimo de um ano; ter 18 anos ou mais, foram empregados. A casuística obtida permitiu a divisão das mulheres em grupos de escolaridade e de raça/cor.

As mulheres negras entrevistadas foram selecionadas através da técnica denominada “bola de neve”¹⁸. O número de inclusão de participantes no estudo foi definido pelo critério de saturação¹⁹. O estudo foi conduzido na região Sudoeste da Bahia, Brasil. Os dados foram coletados respeitando-se o anonimato e a confidencialidade. O projeto de pesquisa está registrado no CEP –JEQUIE protocolo 075/2010. Todas as entrevistadas foram denominadas por Rosa para garantir a confidencialidade. Os dados utilizados neste artigo foram obtidos em uma pesquisa mais ampla.

Resultados

Condições de vida das mulheres negras entrevistadas

As entrevistadas tinham entre 19 a 46 anos de idade; 17 tinham ensino fundamental, 18 ensino médio e 17 de ensino superior. O tempo de relacionamento conjugal constatado foi no mínimo de 10 anos e no máximo 24 anos. As entrevistadas conciliam os cuidados com a casa e outros afazeres, como ser lavradora e vendedora. Na escolaridade média o leque de profissões é mais amplo. São vendedoras, agentes comunitárias de saúde, operárias em fábricas de sapatos, auxiliares de serviços gerais, técnicas de enfermagem, cabeleireira e recepcionista, somente uma é exclusivamente dona de casa. Dentre aquelas mulheres de escolaridade universitária a profissão predominante é educadora e funcionária pública e nenhuma refere ser dona de casa, exclusivamente.

A renda familiar daquelas mulheres de escolaridade fundamental era de um salário mínimo, 3 salários no grupo de mulheres de escolaridade média, entre

¹⁶ Maria Cecília de Souza Minayo, 2014

¹⁷ Idem

¹⁸ Olsen, 2015

¹⁹ Minayo, 2014

aquelas de escolaridade de nível superior a renda é de aproximadamente de 10 salários mínimos. Possuem em média 2 filhos, sendo no mínimo nenhum filho e no máximo seis. Em um caso a responsável pelo sustento da família é a avó, mãe da entrevistada. Entre aquelas de escolaridade fundamental apenas uma não contribui com a renda familiar, sendo o marido o único responsável pelo sustento da casa. Dentre as mulheres de escolaridade média, três não contribuem para o orçamento familiar. Já entre aquelas de escolaridade superior, todas contribuem com o orçamento da casa.

Percepções de liberdade por mulheres negras

As mulheres negras, independente da escolaridade, manifestam uma percepção positiva da liberdade, como um direito de participar da vida pública, por meio do trabalho remunerado. Os discursos apontam para conquistas consideradas como vitórias já consolidadas e a fatores fundamentais para a igualdade de gênero, como um lugar no mercado de trabalho. A escolaridade, por sua vez, não se apresenta como uma categoria neutra, conforme aumenta o grau de escolaridade, amplia-se as possibilidades de ocupação remunerada.

“Liberdade de sair às vezes, de ir pra algum lugar, passear e a liberdade de trabalhar. A mulher hoje ter o próprio trabalho que antes não tinha”. Rosa, mulher negra de escolaridade fundamental.

“Porque antigamente assim. às vezes as mulheres não tinham o direito de ser às vezes uma vereadora, uma prefeita, governo...tipo assim e hoje já tem? Não podia jogar... Achava que mulher não podia. Eu acho que mulher tem direito de tudo! Pode tudo!” ROSA, escolaridade fundamental.

“Ah, isso é maravilhoso né, você hoje. Ter direito de votar, você pode dar sua opinião, você pode exercer sua profissão com liberdade, com direitos iguais aos homens, coisa que no passado não acontecia isso, é um avanço muito grande na sociedade.” ROSA, ensino médio.

O trabalho remunerado garante, em parte, a liberdade. A importância do trabalho está para além da remuneração, é um modo de valorização de si:

“Que ela ganhe dez reais fora, mas o importante é ela trabalhar e conseguir o seu, também com seus próprios esforços, lutar é importante pra ela até pro ego dela né”. ROSA, ensino médio.

“Eu que foi a melhor coisa que inventaram foi a mulher trabalhar fora de casa(risos), é a melhor forma de mostrar mesmo, é antidepressivo, é anti...é todos os contras que pode acontecer com a mulher

dentro...quando a mulher trabalha fora de casa ela garante isso, sua auto defesa". ROSA, escolaridade superior.

Os discursos sobre os cuidados com a casa e a maternidade apresenta-se como uma sobrecarga de trabalho em relação a multiplicidade de tarefas que as mulheres desempenham atualmente, dentro e fora de casa. A liberdade é associada a maior responsabilidade, como um sobrepeso às mulheres:

"A liberdade vem com responsabilidade, né? Então, eu acho assim, que a gente correu tanto atrás de liberdade e a gente só conseguiu ganhar mais responsabilidade, mais atribuições, que antes a mulher ficava só cuidando do lar, da casa, dos filhos e hoje não, hoje a gente tem que ir pra rua, tem que estudar, tem que trabalhar, tem que estar bonita, arrumada. Eu acho que liberdade trouxe muita responsabilidade." ROSA, de ensino superior.

"Assim ser mulher hoje acho que é até mais difícil, porque além de ser dona de casa, que como era antigamente, isso fica muito mais difícil, ser boa em todas esses, esses setores da sua vida e ser é. Ser boa nesses setores da tua vida que são muitas, fica muito mais difícil. Mas não menos gratificante". ROSA, ensino superior.

Reconhecer a igualdade de direitos é uma etapa fundamental para a constatação da desigualdade cotidiana:

"Os direitos são iguais e o marido às vezes trabalha fora, mas também não trabalha dentro de casa e a mulher que trabalha ajuda o marido, às vezes tem que fazer duas coisas ao mesmo tempo". ROSA, ensino médio.

"Eu acho e eu queria ter mais tempo pra mim, eu queria ter mais tempo pra fazer as coisas que eu gosto. Eu queria ter mais tempo". ROSA, ensino médio.

O conflito na divisão de tarefas domésticas com os homens, a desigualdade salarial a dificuldade para conciliar com a maternidade.

"Acho ótimo, agora deveria ter uma carga horária menor pra ter

tempo pra ficar com os filhos, orientar, pra educar né, acompanhar melhor a própria casa, mas é importante ter um trabalho sim fora de casa". ROSA, ensino superior.

"Bom eu acho que a mulher até já conseguiu se equiparar e provar que pode desenvolver muitas atividades que antes eram prioritariamente, única..., exclusivamente masculina, ainda tem alguns ramos, alguns campos do mercado de trabalho que a gente não vê mulheres, mas onde existe é que era exclusivamente masculina antes, elas estão se desenvolvendo muito bem". ROSA, ensino superior.

Independente da escolaridade, a liberdade como discurso revela a possibilidade de experimentar melhor a vida. Não se trata de realização profissional, mas de independência financeira:

"Pra não depender só do marido, às vezes você pode trabalhar e ter seu próprio dinheiro, pode sair, né? Ser independente". ROSA, de ensino médio

"Eu acho legal, que de primeira a mulher ficava mais presa, era só o homem que tinha que dá o que ela queria e hoje não, hoje a gente trabalha, aí a gente tem o que a gente quer, aí a gente não fica naquele negócio de depender de homem, a gente trabalha, tem o dinheiro da gente, aí a gente vive melhor. Que de primeiro a gente só vestia o que o marido pudesse dá pra gente vestir, a gente passava até na vontade de ter as coisas e não tinha, hoje não, a gente trabalha e compra e aí pra mim foi uma liberdade e tanta. Eu vejo assim, as mulheres tudo tá conquistando seu espaço, todas as mulheres, trabalha quem quer, trabalhar trabalha pra poder ter liberdade. Acho que liberdade é assim quem quer ter liberdade tem que trabalhar, tem que ter as duas coisas, tem trabalhar ter seu dinheiro pra fazer o quer e não andar dependente". ROSA, ensino médio.

As possibilidades de liberdade, como o trabalho remunerado e a

independência financeira, permitem a continuação da vida, e nesse sentido é fundamental. Ainda que haja transformações na dinâmica familiar, as responsabilidades são estabelecidas com base numa expectativa de cooperação de gênero.

“Eu acho assim, tem a parte assim, que a pessoa se casou, eu acho assim muito ruim a pessoa trabalhar fora e deixar os filhos por conta dos outros, “fi” pequeno, né? Por que os “fi” de hoje muitas pessoas não cuida bem igual à mãe, né? Igual a gente vê passar na televisão muitas “coisaiada” assim?” ROSA, de escolaridade fundamental

“Quando a liberdade é excessiva, quando a mulher não sabe utilizar sua liberdade de ir e vir ou de trabalhar, prejudica, né, mas a liberdade no sentido de trabalhar, de cuidar da casa, dos filhos, do marido, e ajudar na manutenção do lar trabalhando fora aí é algo produtivo, algo saudável”. ROSA, ensino médio.

“Ao mesmo tempo tanto o homem quanto a mulher devem perceber os limites dessa liberdade dentro da relação e dentro da própria família. Das responsabilidades que temos com os nossos filhos, né?! Então essa liberdade ela, ela teve de ser limitada por essas questões”. ROSA, ensino superior.

Há a necessidade de divisão do trabalho, ainda que o homem seja o principal provedor financeiro. Adquirir dignidade econômica vem com a sobrecarga de trabalho, excesso de tarefas acumuladas, como cuidar dos afazeres domésticos, dos filhos.

As trajetórias pessoais se distinguem, mas há em comum o cultivo do ambiente familiar como dimensões fundamentais de cuidado. O cansaço com o excesso de trabalho e a dificuldade para conciliar tantas atribuições inibe a disposição por disputas de gênero.

“E não é tanto porque a mulher com essa liberdade que ela buscou tanto, hoje está um pouco prejudicada, porque a mulher sobrecarregou, né? Ela lutou tanto por uma liberdade, que ela achou que ia ser muito boa, mas no entanto, a mulher nunca deixou de ser

mãe, nunca deixou de ser dona de casa, nunca deixou de ser esposa, né? E como ela conseguiu o que queria, ser independente, ela, né? Só fez mesmo se sobrecarregar, que deixou a mulher mais cansada, né? Mais cheia de tarefas, né? Que isso depois traz um desgaste muito grande pra conciliar tudo. Não é brincadeira!" ROSA, ensino médio

"Ah, eu gosto, mas às vezes eu queria que cada um fizesse sua parte, um pouco.... Por exemplo, se eu tô muito tempo na rua, vou vender minhas coisas, quando eu chego em casa, eu tô cansada, eu queria descansar, mas eu não posso descansar. Eu tenho que ir atrás da minha filha eu tenho que ver todas as tarefas do dia, se a casa tá bagunçada, eu tenho que arrumar, eu tenho que ver o que meu marido fez, o que meu marido deixou de fazer, então eu cobro, quando eu chego eu tenho que... revistar os três filhos". ROSA, ensino superior

"É tranquilo na cabeça dele. É...ele acha joia, acha até bom porque contribui com o orçamento da casa. Agora assim, eu falava assim "Pois é você vai pra universidade mesmo, ser professor de universidade, vê se consegue ganhar a mais pra eu poder diminuir a minha carga de trabalho, que eu pretendo ficar só com um turno pra dar assistência às crianças", eu brincava sempre com ele. Até hoje não deu pra fazer isso não. Mas quem sabe um dia!?" ROSA, ensino superior

Há experiências de vida que são multidimensionais, e por vezes não há como enxergar nitidamente por qual via se apresenta a opressão, mas é possível visibilizar as múltiplas realidades subjetivas, nas quais o racismo e sexismo são ativos dispositivos de controle. A complexidade da experiência de vida das mulheres negras faz da noção de liberdade algo importante para pensar.

Liberdade

A experiência de mulheres negras é historicamente diferenciada, em relação às mulheres não-negras. A conquista da liberdade, analisada pela perspectiva

feminista, reivindica uma crítica social capaz de avaliar padrões de desigualdade e impactar em nichos racializados de privilégio.

O trabalho fora de casa, seja nas lavouras, fábricas ou cuidado de outras casas, como empregadas domésticas, tem sido o lugar dos desiguais, dos destinados a postos de trabalho desprivilegiados²⁰.

E necessário restaurar uma densa compreensão sobre o pesado legado da escravidão negra para pensar a inserção de mulheres negras na esfera pública e do trabalho remunerado²¹. A mulher negra, mesmo exercendo funções de trabalhadora não remunerada, é produtora de bens econômicos, ao criar condições de trabalho para os outros.

A dinamização das atividades produtivas e flexibilidade do processo de trabalho tem no racismo um mecanismo de seleção, que relega alguns grupos a posições de desvantagem social²². Desde a década de 30, do século XX, as mulheres têm acessado o mercado de trabalho qualificado. É importante ressaltar que a escravidão negra atribuiu contornos raciais à divisão do trabalho no capitalismo²³. De certo modo esse lugar dialoga com desigualdades estruturais, que demarcam condições de existência da população negra hoje.

O racismo permanece como um ativo mecanismo de seleção, em todas as instâncias da vida social. De tempos em tempos, ressurgem novas contradições e conflitos sociais a serem enfrentados.

Considerações Finais

A possibilidade de exercício da liberdade é resultante da ação social e política na busca de justiça social. Uma ferramenta importante para pensar o Estado. Quando utilizamos categorias como gênero, raça e escolaridade para compreender as percepções de liberdade, percebe-se que antigas concepções relacionadas ao papel da mulher, na estrutura social e familiar, são limitadas e não expressam a complexidade dos modos de existência negra.

O trabalho doméstico não remunerado das mulheres negras pode ser

²⁰ Angela Davis, 2019

²¹ Nascimento, 2006

²² idem

²³ IPEA

empoderador, em certo sentido²⁴. As discriminações experimentadas pelas mulheres negras fazem do seu lugar resistência a uma sociedade colonizada.

A interseccionalidade é, então, um conceito importante não apenas para pensarmos a produção das desigualdades, mas também o modo como essas desigualdades são enfrentadas e as estratégias de resistência das mulheres, sobretudo quando pensamos no âmbito social e político.

Referências

ARAÚJO, Edna Maria; CALDWELL, Kia Lilly; SANTOS, Márcia Pereira Alves dos; SOUZA, Ionara Magalhães de; SANTA ROSA, Patrícia Lima Ferreira; SANTOS, Andreia Beatriz Silva dos; BATISTA, Luís Eduardo. Covid-19 - Morbimortalidade pela COVID-19 segundo raça/cor/etnia: a experiência do Brasil e dos Estados Unidos. **REVISTA SAÚDE EM DEBATE**, preprint,2021

BAIROS, Luiza. Nossos feminismos revisitados. **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020: 52-83

BUENO, Winnie. (2020). O conceito de imagens de controle em Black feminist thought:knowledge,consciousness and politics of empowerment. Em W. Bueno, **IMAGENS DE CONTROLE: um conceito do pensamento de Patricia Hills Collins** (pp. 77-116). Porto Alegre: Editora ZOUK.

CARNEIRO, Sueli. Tempo Feminino. In: Carneiro, S. **Escritos de uma Vida**. São Paulo: Pólen Livros, 2019. p. 108-117.,

COLLINS, Patricia Hills. Cap 6 Intersectionality and the question of freedom **Interseccionalidade: as critical social theory**. Durham and London, 2019:189-221

COLLINS, Patricia Hills. **Pensamento feminista Negro**. São Paulo: Boitempo, 2019

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. 1º edição. São Paulo: Boitempo; 2016

DAVIS, Ângela. **Ângela Davis: a liberdade é uma luta constante**. São Paulo: Boitempo, 2018

²⁴²⁴ Patricia Hills Collins, 2019

GÓIS, João Bosco da Hora. Quando raça conta: um estudo de diferenças entre mulheres brancas e negras no acesso e permanência no ensino superior. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.16, n. 3 p. 424, setembro-dezembro/2008.

GOES, Emanuelle Freitas; RAMOS, Dandara de Oliveira; FERREIRA, Andrea Jacqueline Fortes. Desigualdades raciais em saúde e a pandemia da Covid-19. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, e00278110, 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogo, 2019

LEVINAS, Emmanuel. **Entre nós: ensaios sobre a alteridade**. São Paulo: Editora Vozes, 2010

LUGONES, Maria. Colonialidade e gênero. HOLLANDA, H.B(org). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020: 52-83

IPEA. Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça – 1995 a 2015. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=29523&catid=30&Itemid=9

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa:Antigona,2014

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde**. 14ª ed. São Paulo: Hucitec; 2014.

RIOS, Flávia & LIMA, Marcia. **Por um feminismo afrolatinoamericano: LELIA GONZALEZ**. Rio de Janeiro: ZAHAR,2020

OLSEN, Wendy. COLETA DE DADOS: debates e métodos fundamentais em pesquisa social. Porto Alegre: PENSO,2015



This work is licensed under a Licence [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

